

GEMA IVETE KUJAWA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA
ESCOLA E NO CONTEXTO SOCIAL**

FRANCISCO BELTRÃO

1998

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA
ESCOLA E NO CONTEXTO SOCIAL

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de pós-graduando no Curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos, da Universidade Federal do Paraná e Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão, sob a orientação das professoras: Rossana Finau e Ângela M. Gusso.

FRANCISCO BELTRÃO

1998

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	05
1.1 - Escrita	05
1.1.1 - O que é escrita	05
1.1.2 - Concepção de escrita	07
1.2 - Leitura	09
1.2.1 - História social da leitura	09
1.2.2 - Concepção de leitura	11
1.2.3 - O hábito da leitura	13
CAPÍTULO 2 - PROPOSTA DE CONTEÚDOS E METODOLOGIA	16
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

É quase certo que muitos dos problemas enfrentados pelas pessoas na construção de um texto, na sua vida escolar ou fora dela, tenham suas raízes na alfabetização, devido à concepção equivocada de texto escrito e da própria leitura que são passados aos alunos.

Amar a leitura é adquirir uma passagem sem limites para embarcar em aventuras fascinantes, transcender o cotidiano, pensar e ter acesso ao pensamento de outros. O ensino da leitura e da escrita não deve fazer com que sua aprendizagem constitua uma carga nebulosa para a criança.

O papel da escola deve ser apenas aperfeiçoar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos quando aprenderam a falar, ensinando como transportá-los para a linguagem escrita.

Esta proposta expressa a preocupação e o compromisso dos educadores com a formação do jovem no sentido de responder as suas necessidades sociais, históricas e culturais.

Queremos formar sujeitos responsáveis, críticos e capazes de se firmarem num mundo competitivo e complexo em que vivem, para tanto percebemos a necessidade de desenvolver sua competência lingüística:

Domínio da Língua Oral: Convívio entre as variantes lingüísticas, práticas sociais e experiências, fazendo com que o aluno tenha capacidade de formular o seu próprio discurso, particularizar o seu estilo e expressar com objetividade e fluência suas idéias, desenvolvendo a expressão oral no sentido de adequação da linguagem do assunto, ao objetivo e aos interlocutores, através de debates, pesquisas, relatos, orientação na criação e produção de textos.

Domínio da Escrita: Desenvolver a noção de adequação na produção de texto reconhecendo a presença do interlocutor e as circunstâncias da produção.

A partir do debate do levantamento de idéias de objetivos bem claros, é possível dar o real sentido a escrita.

Domínio da Leitura: Para que haja a interação leitor-autor (fazendo com que o aluno entenda o implícito no texto e reconheça a intenção do autor) desenvolvendo esse trabalho através de textos de diferentes tipos: informativo, poético, dissertativo, narrativo, não-verbal, entre outros.

Um dos pontos importantes deste trabalho é o relato, o debate, a exposição de idéias, baseados nos textos lidos. A partir disto o aluno da 8ª série criará situações para julgar o material escrito, bem como argumentar.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - ESCRITA

1.1.1. O QUE É ESCRITA

A invenção da escrita ocorreu não para duplicar o oral, mas para completá-lo, a utilização da escrita permite comunicar de modo diferente da língua oral.

A escrita é um objeto com mais de uma dimensão. Não se lê um texto erudito do mesmo modo que uma revista nova numa banca, que dá margem a destacar ou negligenciar passagens, voltar atrás. Portanto, ela oferece ao leitor percursos não permitidos ao ouvinte de uma música. É preciso assinalar que a escrita alfabética não chega a transcrever todas as particularidades sonoras da língua oral. O leitor deve portanto identificar as palavras unicamente a partir de sua estrutura consonantal.

A primeira função da língua escrita, valorizada desde a origem, é sua aptidão para substituir a língua oral em

circunstâncias nas quais esta última deixa de ser operacional, em razão da ausência de um interlocutor no espaço ou no tempo. Essa função substitutiva é reforçada pela invenção do alfabeto, que faz de uma o espelho da outra. A língua escrita permite transmitir numa situação diferida o que diriam oralmente os interlocutores na presença um do outro.

Vigotsky diz:

"... Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal..." (VIGOTSKY, 1989, p. 119).

Com relação a esse fato observamos que apesar da existência de muitos métodos de ensinar a ler e escrever, tem ainda de desenvolver um procedimento científico efetivo para o ensino de linguagem escrita às crianças. Diferentemente do ensino da linguagem falada, no qual a criança pode se desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende de um treinamento artificial. Tal treinamento requer atenção e esforços enormes, por parte do professor e do aluno, podendo-se, dessa forma, tornar fechado em si mesmo, relegando a linguagem escrita viva a segundo plano. Ao invés de se fundamentar nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças, e na sua própria atividade, a escrita lhes é imposta de fora, vindo das mãos dos professores.

1.1.2. CONCEPÇÃO DE ESCRITA

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e, por isso mesmo, requer um tratamento todo especial na alfabetização.

Para Cagliari (1992) o nosso sistema de escrita deixa de lado muitos aspectos fonéticos da língua, como a sílaba, o acento, a duração dos segmentos, certos fenômenos como a nasalidade em alguns casos, a entonação, a velocidade da fala, as qualidades de voz. Isto não é um mal em si, mas o caráter mágico inerente ao próprio ato de se escrever. Ler é uma obra de iniciados e objeto de muitas interpretações. No momento em que se tira essa alma da escrita, se acaba com a própria vida da escrita.

Concordamos com esse autor quando ele afirma que a obsessão da escola pelas regras da gramática normativa, conveniente para se ter um parâmetro fácil de avaliação do rendimento escolar, deturpa a verdadeira meta do ensino de Português e é um fator de grande frustração na escola. Os alunos devem aprender as regras da gramática normativa à medida que forem progredindo na aprendizagem da escrita e não o contrário, aprender a escrever um texto a partir de um conjunto de regras da gramática normativa.

A escrita e a fala são realidades diferentes que necessitam de métodos diferentes para se concretizarem e serem entendidas. Ensinando isso à criança desde cedo, ela já nas

primeiras aulas entenderá que a fala e a escrita são diferentes, vivem de maneira diferente.

Dentro do contexto escolar, o ensinar e o aprender a escrever se desloca e se dilui nas questões disciplinares. Assim sendo, o processo de alfabetização como interação e interlocução (convivência e diálogo) é totalmente desconsiderado.

Segundo Smolka, "a alfabetização, na escola, contrasta violentamente com as considerações de escrita e leitura, movimentação e saturação de estímulos sonoros e visuais fora da escola". (SMOLKA, 1988 : 49).

Tanto a leitura como a escrita produzidas na escola pouco tem a ver com as experiências de vida e de linguagem das crianças. Nesse sentido, é estática e estéril, porque baseada na repetição e na reprodução. Funciona como um empecilho, um bloqueio à transformação e elaboração do conhecimento crítico.

A escola não concebe a possibilidade e não tem considerado a alfabetização (escrita e leitura) como um processo de construção de conhecimento nem como processo de interação, um processo discursivo, dialógico. Com isso, a escola reduz a dimensão da linguagem, limita as possibilidades da escrita, restringe os espaços de elaboração e interlocução pela imposição de um só modo de fazer e de dizer as coisas.

A escrita não se pode desenvolver senão através de sua própria realização, isto é, através de seu uso contínuo em situações que tenham sentido para quem recorre a ela. Em

conseqüência, o estudante, desde que ingressa nas aulas, deve ser estimulado a escrever por diferentes motivos e em diferentes situações. Deve ser orientado a escrever sobre um tema para encontrar respostas às próprias perguntas; para buscar argumentos com os quais defender ou refutar uma determinada posição; para aprender a manejar conceitos que o ajudem a entender situações e problemas da vida real, em qualquer de seus aspectos; ler e escrever para descobrir as próprias potencialidades e o mundo interior, tem sentido.

1.2 - LEITURA

1.2.1. HISTÓRIA SOCIAL DA LEITURA

A socialização do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem por intermédio de um alfabeto. Como estes estímulos passam a ocorrer com grande intensidade a partir do século 18, a leitura se revela como um fenômeno historicamente delimitado a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expansão.

A consolidação de um público leitor que se converte em um mercado ativo e exigente, a partir da época que aqui se fala, é, talvez, o fenômeno cultural mais impressionante a caracterizar a sociedade ocidental desde então. Pois ele determina uma mudança radical no processo de circulação da cultura, que se vulgariza, ao se mostrar adquirível por qualquer cidadão; pela mesma razão, torna-se mais democrática e

popular.

Como a escola, desde o século 18, sofre uma transformação, em decorrência da necessidade de ocupar a infância durante esta etapa da vida e, também, informá-la de um saber para momentos futuros de sua existência, verifica-se por que a instituição converte-se no intermediário entre a criança e a cultura, usando como ponte entre os dois a leitura.

Com o domínio generalizado da habilidade de ler, conseqüência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, democratização do saber.

Uma história social da leitura não pode evitar a revelação dos aspectos contraditórios que revestem, não a prática de ler enquanto tal, mas a política que patrocina sua expansão. De um lado, avultam os interesses econômicos e ideológicos: as necessidades do mercado cultural, produtor de obras para serem absorvidas e rapidamente substituídas por outras, num primeiro impulso à massificação; e a importância da afirmação das nações liberais promulgadas pela burguesia que, reivindica um lugar no elenco social que disputa o poder. De outro, as conseqüências indicam que o processo nem foi homogêneo sempre, nem esteve totalmente sob controle: a escola enfatiza a alfabetização e esta se torna um direito inalienável reclamado por todos os segmentos da população e sonogado por alguns, quando se trata de garantir o arbítrio de um grupo sobre os demais.

Nesta circunstância, a alfabetização significa

superar um estágio de ignorância e atraso, não para negar os padrões dentro dos quais o analfabeto (neste caso, um adulto) convive e se desenvolve, mas para ter ingresso na cultura dominante que, se é a do colonizador, deseja erradicar a rival. Assim, a posse de um código escrito determina a ruptura com uma situação de inferioridade, por não ter o indivíduo, antes de ser alfabetizado, instrumentos intelectuais para questionar os valores que, na expectativa do grupo no poder, teria de incorporar passivamente. É a escola que conduz ao ato de ler e, sendo este a conquista mais importante da ação da escola nos seus primeiros anos, pode representar também a condição de rompimento do círculo ideológico a que seguidamente o sistema pedagógico se condena.

1.2.2. CONCEPÇÃO DE LEITURA

Segundo Orlandi: "A leitura é produzida em condições determinadas, ou seja, em um contexto sócio histórico que deve ser levado em conta. Um desses mecanismos de produção da leitura pode ser expresso na seguinte afirmação: toda leitura tem sua história" (ORLANDI, 1987). Leituras que são possíveis, para um texto, em certas épocas não o foram em outras e leituras que não são possíveis hoje o serão no futuro.

Em relação à escola, a função de legitimar leituras está distribuída pelas diferentes áreas de conhecimentos. No interior desse processo de legitimação, o professor retoma, em seu trabalho pedagógico, uma leitura considerada ideal, e que tem como modelo a de um crítico. Muitas vezes a leitura ideal

do professor é fornecida pelo livro didático. Na consideração do aspecto histórico da leitura há o outro lado: trata-se do fato de que todo leitor tem sua história de leituras.

A inclusão da história nas condições de produção da leitura aparece, assim, caracterizando um dos seus aspectos: as leituras já feitas por um leitor compõem a história da leitura quanto ao seu aspecto previsível. Dessa forma, e ainda do contexto histórico-social que deriva a pluralidade possível e desejável da leitura.

A leitura na escola de hoje tem cumprido o papel apenas de uma mera formalidade. Quando se prioriza o processo de associar sons e letras, decodificar palavras isoladas, formar frases e períodos, afasta-se o aluno do real sentido da leitura, que é, na nossa perspectiva, a possibilidade de mergulhar no universo conceitual do outro.

A leitura, numa concepção de linguagem interacionista, ultrapassa a compreensão, da superfície; ela é, mais do que o entendimento das informações explícitas, um processo dinâmico entre sujeitos que instituem trocas de experiências por meio do texto escrito.

Segundo Smith (1996), a leitura começa com uma entrada gráfica: os olhos recolhem os marcos impressos e os enviam ao cérebro, que os processa, e esse processamento só é possível pelos conhecimentos e experiências contidos na memória do leitor. Graças a eles, o cérebro pode tomar decisões a respeito da informação visual e construir um significado para o

texto em questão.

Quando se tem clareza de que a leitura constitui uma dimensão fundamental do domínio da linguagem, torna-se urgente repensar a prática que a escola tradicionalmente vem fazendo. Reverter esta prática implica, antes de tudo, na compreensão de que o leitor maduro não é um sujeito passivo, mas alguém que constrói, concordando ou discordando do autor do texto, a sua interpretação numa relação de diálogo íntimo com aquilo que lê.

1.2.3. O HÁBITO DA LEITURA

Ler no sentido profundo do termo é o resultado da tensão entre leitor e texto, um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou e leu o texto. Por isso, a leitura é uma atividade individual e só a leitura direta, sem intermediário, é leitura verdadeira: a leitura silenciosa, que mobiliza toda a capacidade de uma pessoa, é uma atividade quase tão criadora como a de escrever.

"É na infância pré-escolar que se formam as atitudes fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola, costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar, se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passe a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas". (BARKER e ESCARPIT, p. 122).

A respeito da leitura podemos afirmar que é um dado cultural: o homem poderia viver sem ela e, durante séculos, foi isso mesmo o que aconteceu. No entanto, depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a humanidade, sem dúvida, enriqueceu-se culturalmente. Surgiu a possibilidade de guardar o conhecimento adquirido e transmití-lo às novas gerações.

Segundo Sandroni e Machado (1998, p. 10), o hábito se forma cedo, muito cedo. E o exame do contexto familiar comum mostra que é muito difícil a formação do hábito de ler.

Se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.

Se deve ser um hábito, a leitura deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. Por isso, a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos à criança: o adulto que pega uma criança no colo e a embala com aquelas cantigas tradicionais, que brinca com o bebê usando as histórias, adivinhações, rimas e expressões de folclore, que folheia uma revista ou um livro buscando as figuras conhecidas e pergunta o nome delas, está colaborando e muito para uma atitude positiva diante da leitura.

Por motivos diversos, principalmente de ordem econômico-social, a maioria de nossa população não lê. Assim, a escola torna-se local possível, embora não o ideal, onde se

pode inculcar na criança ou no jovem o gosto pela leitura.

Em relação a esse gosto, acrescentamos que o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer. Cada livro pode trazer uma idéia nova, ajudar a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança. Aos poucos ela ganha intimidade com o objeto-livro. Uma coisa é certa: as histórias que os pais contam e os livros que os pais e filhos vêem juntos formam a base do interesse em aprender a ler e gostar dos livros.

Quando lemos, entramos no espaço micropolítico da palavra, com tudo o que se é e se aprendeu até então, e ao vivermos cada experiência que cada leitura nos possibilita encontramos-nos numa nova dimensão pessoal e social, que nos permite ressignificar tudo o que já se era e se sabia até então. É a partir desse entendimento que afirmamos ser a leitura uma possibilidade de abertura para o mundo cósmico, social, natural e individual.

É a partir da leitura considerada como um processo cognitivo-afetivo e sociocultural, no qual se entrecruzam a busca da racionalidade e da lógica de determinado texto com a busca de sentido, que a leitura se constitui para o sujeito-leitor como possibilidade de conhecimento, de prazer e de vida.

CAPÍTULO 2

PROPOSTA DE CONTEÚDOS E METODOLOGIA

No capítulo a seguir, Proposta de Conteúdos e Metodologia, terá como tema a questão da terra no Brasil. Assunto que atualmente vem ocupando muito espaço nos jornais, na televisão, no rádio em nosso país. A organização dos que lutam para conquistar a terra é cada vez maior e mais complexa. A luta destes trabalhadores cresce em necessidade e força. Os desafios aumentam e ficam mais complexos. A educação precisa estar inserida também neste projeto político dos sem-terra, porque parte da nossa clientela escolar é procedente de famílias que participam desse movimento.

Através de atividades voltadas para o assunto: leitura de textos informativos, debates, pesquisas, o aluno terá oportunidade de compreender o movimento como instrumento de transformação da sociedade e praticar também a análise lingüística e a produção de textos.

TEXTO - REFORMA AGRÁRIA
QUESTÃO DE TERRA OU DE GENTE?

Duração: 3 horas/aulas.

Objetivos:

1. Criar receptividade para a leitura do texto para que o aluno possa compreendê-lo e ao mesmo tempo conheça a realidade do meio em que vive.

2. Desenvolver no aluno a habilidade de interpretar o texto para que na hora da verificação das atividades o aluno possa discutir suas respostas, confrontando as conclusões a que chegou, argumentando em favor da sua opinião, aprofundando a reflexão e a sua crítica.

3. Desenvolver a competência de produzir narrativa com discurso direto.

4. Ampliar estruturas lingüísticas em diversas situações da comunicação oral e escrita.

Avaliação da Aprendizagem

O grande número de atividades propostas em relação ao texto permitirá ao professor a avaliação permanente da aprendizagem dos alunos, tornando-se desnecessários os momentos especiais de avaliação, ela será feita a todo momento observando participação, interesse e a argumentação.

**TEXTO - REFORMA AGRÁRIA
QUESTÃO DE TERRA OU DE GENTE?**

(Paulo Martinez)

Luta-se muito, no Brasil, pela posse de terra; pelas roças plantadas em terras de donos ausentes ou desconhecidos; pela remuneração do trabalho nas colheitas de laranja, da cana, do café, etc., pela sobrevivência em muitos trabalhos penosos da agricultura.

Também morre muita gente, de forma violenta, no campo. Muitos morrem por doenças e desnutrição no abandono das secas nordestinas; outros são mortos na disputa com grileiros e capangas; outros perecem nos acidentes com o transporte precário em caminhões de bóias-frias.

A escassa legislação aplicada às relações de trabalho no campo e os acordos coletivos, conseguidos a duras penas, são freqüentemente burlados, desrespeitados, sempre em prejuízo da parte mais fraca - os trabalhadores.

(...)

Ao longo desses últimos cinquenta ou sessenta anos, a indústria foi dominando as cidades e invadindo o campo. Diminuiu o número de pessoas morando e trabalhando na lavoura, mas aumentou o número de desempregados nas cidades, e a produção "per capita" da agricultura é hoje menor do que há trinta anos.

Desapareceu a fazenda tradicional, aquele pequeno

mundo quase auto-suficiente em tudo - moradia, trabalho, alimentação, lazer, igreja e escola - , onde a exploração do trabalhador era disfarçada pelo compadrismo, e o clientelismo político obrigava os trabalhadores a votarem em seus patrões ou em candidatos por eles indicados.

O predomínio de uma cultura - o café, por exemplo - não excluía a produção de gêneros alimentícios como cereais, carne, leite, ovos, frutas e outros, mas as coisas mudaram e o que era ruim ficou pior.

Por interesse do sistema econômico, por conveniência de grande parte dos proprietários e por iniciativa de muitos trabalhadores, as terras se despovoaram. As multidões de trabalhadores que hoje nelas se movimentam o fazem apenas durante a jornada de trabalho e não têm qualquer outro vínculo que não seja a pequena remuneração recebida.

A conseqüência maior das transformações ocorridas é que o sistema brasileiro já não satisfaz aos objetivos de lucro da maioria dos proprietários e não atende às necessidades mais elementares da massa trabalhadora do campo.

Interpretação oral e escrita

1) De acordo ao texto comentar:

a) Classe trabalhadora que é mencionada.

b) Tipo de vida que leva.

c) Quais seus objetivos?

1) Reescreva a frase trocando as palavras sublinhadas por sinônimos.

... outros sem-terra são mortos nas disputas com grileiros e jagunços, outros perecem nos acidentes com os transportes precários em caminhões de bóias-frias.

2) Explique o significado das frases:

a) A indústria foi dominando a cidade e invadindo o campo.

b) Reforma agrária - questão de terra ou de gente?

3) Como são as leis que regulamentam o trabalho no campo?

4) Em relação a fazenda tradicional havia vantagens ou desvantagens? Quais?

5) O último parágrafo faz um resumo do texto todo, uma espécie de balanço. Esse balanço apresenta resultado positivo ou negativo? Por quê?

6) Responda após cada citação: Causa ou consequência

a) Morre muita gente no campo.

b) Doenças e desnutrição.

c) Diminuição do número de pessoas trabalhando na lavoura.

d) Ida do homem do campo para a cidade.

Análise Lingüística

1) Elementos coesivos são expressões responsáveis pela unidade das idéias, isto é, são palavras que "costuram" uma idéia a outra. Escreva o termo a que o elemento coesivo grifado se refere, baseando-se no texto "Reforma Agrária - questão de terra ou de gente?"

onde (linha 23)

seus (linha 25)

eles (linha 26)

2) A palavra agrária significa "do campo". Cite outras palavras que tenham o mesmo radical agro.

3) Qual a função das aspas no quarto parágrafo no termo "per capita"?

4) Ao ler o texto você constatou que as palavras cinquenta e conseqüência usam trema. Justifique o seu uso.

5) Explique a diferença entre:

a) agricultor e agricultura

b) bancário e banqueiro.

Pesquisar sobre Reforma Agrária levando em consideração as seguintes questões:

1. O que se entende por Reforma Agrária?

2. Qual a condição básica para que a reforma agrária se torne uma exigência social?

3. Por que, apesar de algumas mudanças, o sistema latifundiário permaneceu e até vem se expandindo?

4. Quais as conseqüências dessa situação para os trabalhadores rurais?

Oralidade

Expor esses dados aos colegas de toda a classe.

Produção de texto

Produzir um diálogo sobre Reforma Agrária escolhendo personagens dentre os apresentados: 2 pessoas sem-terra, um representante dos sem-terra e o presidente do Brasil, um grupo de acampados e um fazendeiro. Os textos produzidos serão expostos na rádio local, sindicato dos trabalhadores rurais e jornal da comunidade.

FILME: MORTE E VIDA SEVERINA

Duração: 3 horas/aulas.

Objetivo:

Estabelecer relações de classes de diferentes épocas específicas a determinado espaço geográfico e espaço historicamente construído.

FILME - MORTE E VIDA SEVERINA

Autor do poema: João Cabral de Melo Neto.

Filme: Direção: Walter Avancini. Com José Dumont, Tânia Alves, Paulo Gracindo, Dina Sfat.

Comentar pontos relevantes do filme:

Ex: Morte e Vida Severina apresenta várias passagens ou cenas, na caminhada do retirante Severino, que sai em busca da vida, caminhando em direção ao mar e atravessando as regiões típicas dos estados nordestinos.

Problemas típicos da região nordeste.

A luta dramática de uma comunidade sem terra para plantar.

Na morte, o encontro com a terra.

Interpretação

1) Há, em todo o poema, um jogo entre o substantivo Severino e o adjetivo Severina. Explique-o.

2) "Mas não senti diferença entre o Agreste e a Caatinga, e entre a Caatinga e aqui a Mata a diferença é a mais mínima".
Você diria que o problema fundamental do Nordeste é a seca? Justifique a sua resposta.

3) Essa cova em que estás,
com palmas medida,
é a conta menor
que tiraste em vida

É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.

Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.

a) Qual o conflito social abordado neste poema?

b) Transcreva dois trechos do poema em que fica bem caracterizado esse conflito. Explique-os.

4) No filme há uma passagem em que Severino assiste ao enterro de um trabalhador:

- a) Que referência há sobre a má distribuição de terras?
- b) Que referências há sobre a má distribuição de rendas, conseqüência da exploração do trabalho humano?
- c) Relacione essas informações com fatos atuais do Brasil.
- 5) O que representa o nascimento de mais uma vida, ainda que Severina.

Produção de texto

A turma organizará um jornal mural com artigos e notícias jornalísticas sobre questões ligadas a Terra, apresentando opiniões ou críticas sobre os temas expostos.

CHARGE - ENFIM, TERRA PARA TODOS

Duração: 2 horas/aulas.

Objetivo

Desenvolver a capacidade de observar, imaginar para ressaltar os aspectos políticos e sociais do nosso país.

Avaliação

A avaliação como processo contínuo, organizado, se dará através de argumentação de idéias, participação do trabalho em grupo da criatividade e da apresentação do trabalho feito.

CHARGE - ENFIM, TERRA PARA TODOS

CHARGE



Folha de S. Paulo, 19/4/96

- 1) O que sugere a palavra enfim na frase da charge?
- 2) A charge apresentada tem alguma relação com o filme assistido?
- 3) Que outros acontecimentos podemos mencionar, depois da observação feita?

Produção de Texto - em grupo

Usando a sua criatividade crie uma história em quadrinhos sobre os sem-terra, para que seja exposta durante a "Hora Cultural" às demais turmas da escola.

POESIA - PRESSA DANADA

Duração: 2 horas/aulas.

Objetivo da leitura

Ampliação do universo vivencial do aluno para desenvolver habilidades de leitura para internalizar novos recursos de expressão lingüística.

Objetivo da interpretação do texto

Compreender e interpretar as mensagens do texto.

Objetivo da análise lingüística

Empregar, fixar e ampliar estruturas lingüísticas em diversas situações da comunicação oral e escrita.

Avaliação

A avaliação será feita através da observação do professor, de comentários da turma, da realização e correção dos exercícios e da produção de texto.

POESIA - PRESSA DANADA

(João Gomes da Silveira)

Há uma pressa danada
De a terra ser dividida,
Mais do que isto, partilhada.

Há uma pressa danada
De plantar, deitar no chão
Verde de grande plantação.

Há uma pressa danada
De que contra a miséria vença o pão,
Nesta guerra declarada,
Mas sem fuzil nem canhão.

Há uma pressa danada
De ver-te fixo na terra,
Ó sem terra, nosso irmão.

Leitura oral

Interpretação oral e escrita

1) Explique, oralmente, o sentido dos seguintes versos:

- a) Pressa danada.
- b) Deitar no chão.
- c) Fixo na terra.

2) Qual é o tema da poesia?

3) "A terra sempre tão disputada, matando a fome, matando pessoas às vezes fértil, às vezes transformada em braseiro".

A frase acima tem ligação com a poesia? Justifique sua resposta.

Oralidade: debate

1) Qual a sua opinião sobre a reforma agrária? É uma medida necessária? É justa?

2) Se a reforma agrária não ficasse só no papel, você acha que diminuiriam os problemas sociais no Brasil? Por quê?

Análise Lingüística

1) Explique o uso da vírgula no verso: "O sem-terra, nosso irmão".

2) Nos versos:

Nesta terra declarada,
mas sem fuzil nem canhão,

a) Temos a palavra mas, mostrando uma idéia de:

- () oposição de idéias
- () conclusão de idéias

b) Nem () exprime idéia de adição
 () exprime idéia de conclusão

c) A que elemento do texto se refere a palavra nesta?

3) De ver-te fixo na terra. A quem se refere o pronome te?

4) Escreva as idéias que lhe ocorrem ao ler cada uma das palavras abaixo:

a) sem terra -

b) pão -

c) plantação -

5) O verbo haver no sentido de existir, acontecer e tempo transcorrido só é usado na terceira pessoa do singular. Reescreva as frases, empregando os verbos adequadamente, a partir do exemplo dado.

Depois, substitua o verbo haver por existir e reescreva-os novamente.

Haver projetos interessantes.

Hoje há muitos projetos interessantes.

Ontem havia projetos interessantes.

Amanhã haverá projetos interessantes.

a) Haver crianças desnutridas.

b) Haver esperanças de melhora.

Produção de Texto

Escreva uma poesia ou um texto parafraseado a partir de um dos títulos dados e depois apresente-a(o) aos demais colegas e professora da turma.

- a) Paz no campo
- b) Por uma vida melhor
- c) Lutar é preciso

MÚSICA - COMIDA

Duração: 2 horas/aulas.

Objetivo

Proporcionar uma educação crítica e reflexiva para que o aluno seja um agente participativo, consciente e responsável. Através da linguagem oral e escrita, estabelecer uma relação com acontecimentos do dia-a-dia para se integrar na sociedade.

COMIDA

Música: Titãs

Bebida é água.
 Comida é pasto.
 Você tem sede de quê?
 Você tem fome de quê?
 A gente não quer só comida,
 A gente quer comida, diversão e arte.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer saída para qualquer parte.
 A gente não quer só comida,

A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer para aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

Interpretação da Música

- 1) Transcreva os principais elementos das reivindicações que a música exprime.
- 2) Copie os versos da música em que o homem se iguala ao animal.
- 3) Qual é a frase que fala do direito de ir e vir mas que lhe é negado por falta de condições?
- 4) Quais os versos que indicam que o ser humano só trabalha em troca de comida?
- 5) Explique os versos:
 - a) A gente quer a vida, como a vida quer.
 - b) Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

Análise Lingüística

1) Há uma expressão no texto usada na forma singular mas passa idéia de plural. Cite-a.

2) Reescreva as frases usando a 1ª pessoa do singular e do plural, flexionando o verbo.

a) A gente não quer só comida.

b) A gente tem direito a terra.

c) A gente lutou e venceu.

d) A turma gostou da música dos Titãs.

e) O pessoal reclama e protesta contra as novas medidas do governo.

3) A gente quer dinheiro.

A gente quer felicidade.

Determine qual é a relação entre as duas orações. Combine as duas orações em um só período.

Produção de Texto - Entrevista

Os alunos receberão um roteiro para entrevistar pessoas que já foram a uma acampamento dos sem-terra. Depois da entrevista feita, os alunos a apresentarão à classe para fazer um confronto com as demais.

1) Qual foi o motivo de sua ida ao acampamento dos sem-terra?

2) Como é montado o acampamento e quais são as condições de saúde, higiene e educação dos sem-terra?

3) Como é o clima no dia-a-dia e quais as perspectivas em relação aos projetos dos acampados?

CONCLUSÃO

A falta de conscientização sobre o hábito da leitura faz com que cada vez mais crianças, adolescentes e jovens tenham sérios problemas na organização do pensamento e na escrita. Falta-lhes senso crítico diante da realidade e condições de fazer escolhas pessoais e sobre o destino de seu futuro, de sua comunidade.

O ato de ler é um ato de aprender, de conhecer, de compreender e ajuda a viver com mais plenitude. Um dos primeiros passos para formar leitores é oferecer livros e materiais que estejam próximos da realidade do leitor, que levantem questões significativas na sua vida.

A leitura, mesmo na vida cotidiana, nasce de sugestões dos outros e de escolhas próprias. Isso pode ser desenvolvido através de um trabalho de biblioteca, por exemplo, com a criação de uma biblioteca de classe, com a programação de concursos periódicos sobre os livros que os alunos estão lendo ou com o incentivo a visitas à bibliotecas da cidade.

A família e a escola são instituições de peso na influência sobre o hábito de leitura e também na orientação da escolha do assunto. É oportuno dizer que ler deve ser um ato de prazer. Cabe, portanto, à família, à escola, orientar, despertar o gosto pela leitura, mais do que obrigar a ler.

Em tempos de TV e computador, a leitura não perdeu seu valor e sua necessidade. O grande desafio é conseguir mostrar isso. Com certeza, junto com as empolgantes imagens da telinha, há espaço para uma não menos empolgante leitura.

Em todos os níveis de escolaridade deve haver tempo e espaço programados para ler por ler, ler para si mesmo, sem outra finalidade que a de sentir o prazer de ler. Fomentar o prazer da leitura não é algo independente de ensinar a ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1998.
- SMOLKA, Ana Luiza Brustamante. **A criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 1988.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.